



Capacitando equipes técnicas para sistematizar experiências agroecológicas em assentamentos de reforma agrária do RS.

Enabling technical staff to systematize agroecological experiences in the agrarian reform settlements RS.

MIRANDA, Fernanda Q.¹; ZARNOTT, A. V.²

¹ PPGE_{ExR} / UFSM, fernandagmiranda@yahoo.com.br; ² PPGE_{ExR} / UFSM, alissonae@yahoo.com.br

Secção Temática 5: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo

Este artigo apresenta uma análise do processo de sistematização de experiências no âmbito do Programa de ATES do RS. Através de oficinas com as equipes técnicas foi realizada uma discussão conceitual e metodológica sobre a sistematização de experiências. As principais conclusões das oficinas apontam para uma confusão entre sistematização e relato oriunda, em parte, da compreensão da sistematização como uma meta contratual e não como uma ferramenta extensionista, de uma confusão conceitual e de uma limitação metodológica.

Palavras-Chave: Metodologia; Relato; Extensão Rural; Assessoria Técnico Pedagógica.

Abstract: This paper presents an analysis of the experiences of systematization process in the RS ATES program . Through workshops with technical teams a conceptual and methodological discussion on the systematization of experiences took place. The main conclusions of the workshops point to a confusion between systematization and originating account, in part, the understanding of systematization as a contractual target and not as an extension tool, a conceptual confusion and a methodological limitation.

Keywords: Methodology; Reporting ; Rural Extension; Pedagogical Technical advice.

Introdução

Seguindo orientação da Política Nacional de Assessoria Técnica e Extensão Rural (PNATER), o Programa de Assessoria Técnica Social e Ambiental (ATES) no estado do Rio Grande Sul (RS) tem buscado construir ações com base em preceitos do desenvolvimento rural sustentável a fim de atender a complexa realidade do espaço rural. Para isto tem buscado, além do estímulo à produção agropecuária com base em preceitos da agroecologia, trabalhar com questões sociais e ambientais dos assentamentos (INCRA, 2008). Outro princípio do Programa de ATES é a adoção de metodologias participativas, pois compreende-se que o trabalho extensionista deve promover o aprendizado e a autonomia das famílias, em contraponto as ações verticais e de difusão de tecnologias adotadas no período da Revolução Verde.



Desde 2008, a ATES no RS é executada pelo INCRA através da modalidade contrato. Hoje, as prestadoras contratadas para a execução dos serviços de ATES em 20 núcleos operacionais¹ (NOs) são: a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/ASCAR) atuando em nove NOs; a Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos (COPTec), com dez NOs, e o Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP), responsável pelo serviço em um NO. Também fazem parte do programa de ATES o Projeto de Assessoria Técnica e Pedagógica (ATPs)², a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)³ e a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) do RS⁴.

Em 2012 o Conselho Estadual de ATES iniciou um debate sobre a importância da divulgação das experiências agroecológicas existentes nos assentamentos. Inicialmente a ideia era divulgar as experiências agroecológicas exitosas em contraposição ao avanço do agronegócio, principalmente da soja convencional, mostrando para as famílias e para a sociedade que era possível outra forma de produzir e viver no campo. Paralelamente discute-se a importância da sistematização de experiências como uma ferramenta de trabalho dos extensionistas.

A partir desse debate, no contrato de 2013 acontece a inclusão da sistematização de experiências agroecológicas como ação das equipes técnicas. Cada NO deveria apresentar uma experiência sistematizada. Neste ano, foram realizados debates e oficinas de capacitação onde participaram dois integrantes de cada equipe técnica mais a equipe de ATPs. No ano de 2014 foram contratadas novas vinte experiências, e para o contrato em andamento (2015), mais vinte experiências sistematizadas. Sendo essa uma das ações prioritárias para o Programa de ATES nos últimos anos.

Adotou-se como conceito de sistematização a experiência de Holliday (p. 24, 2006) para quem ela é “uma interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que têm intervido em dito processo, como se tem relacionado entre si, e por que o tem feito desse modo”. A partir desse conceito acreditava-se que a sistematização seria uma forma de divulgação das experiências, mas, principalmente, uma ferramenta de trabalho das equipes, onde os processos e produtos gerados resultassem em aprendizado mútuo (equipes e famílias envolvidas) e novas possibilidades (a partir das reflexões) de ação junto à experiência.

Avaliações posteriores apontaram que, embora os conceitos parecessem claros, boa

¹ Os Núcleos operacionais são formados por determinado número de assentamentos distribuídos numa região. De acordo com o número de famílias assentada neste território é formada a equipe contratada.

² O Projeto ATPs é executado através de um Termo de Cooperação (TC) firmado entre INCRA e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desde 2012. O projeto tem por objetivo qualificar técnica e metodologicamente as ações das equipes técnicas de ATES, assim como assessorar a execução do programa como um todo.

³ Assim como os ATPs, a EMBRAPA atua no Programa de ATES a partir de um TC com o INCRA.

⁴ Esse conjunto de entidades mais a representação das famílias assentadas formam o Conselho Estadual de ATES, instância onde são tomadas as decisões sobre o programa.



parte das sistematizações elaboradas e entregues pelas equipes técnicas se assemelhava mais a relatos do que a sistematizações, ou seja, havia uma descrição das experiências, mas não era possível perceber um processo de reflexão sobre o processo vivido, bem como não eram indicadas novas possibilidades de ação para as equipes e para a experiência em questão.

Entende-se o relato como parte do processo de sistematização, no entanto, uma sistematização deve ser mais que um relato do que ocorreu. Segundo Chavez-Tafur (p. 14, 2007), para gerar um novo conhecimento, a sistematização deve incorporar uma análise crítica da experiência, por meio da apresentação de opiniões, juízos ou questionamentos sobre o que foi realizado e vivenciado, sendo essa a base da aprendizagem. Entendendo que existe uma confusão entre relato e sistematização e considerando as dificuldades encontradas na elaboração das sistematizações de 2013 e 2014 e, principalmente, acreditando nas potencialidades desta ferramenta para a ação extensionista, a equipe de ATPs opta por fazer uma seqüência de oficinas com as equipes técnicas para nivelamento conceitual e formação metodológica, acreditando ser esse o caminho para qualificar as sistematizações como ferramenta de extensão rural.

Método

Optou-se por realizar a capacitação dos técnicos através de oficinas com as equipes. Até o momento foram realizadas dezessete oficinas (são 20 NOs). Nas oficinas os temas abordados foram: 1) Objetivos da oficina e apresentação do fluxo do processo de sistematização do programa de ATEs (via construção de uma linha do tempo); 2) Nivelamento do conceito de sistematização (adotando os conceitos de Oscar Jara Holliday, Sergio Martinic e Jorge Chavez-Tafur) através de três perguntas orientadoras: O que é sistematizar? Para quê serve? Quem faz? Essa construção foi realizada através do uso de tarjetas e da visualização móvel; 3) Processo de construção da sistematização, ou como sistematizar (adotando como orientação os cinco passos de Oscar Jara Holliday); 4) Exercício de ferramentas metodológicas para a construção do tema, eixo e objetivos da sistematização; e, 5) Discussão das estratégias do NO para construção da sistematização (construção do roteiro de campo e do cronograma de trabalho).

Com esses temas buscou-se identificar quais as concepções de sistematização de experiências que os técnicos tinham e construir uma compreensão unitária, nivelar conceitos importantes para o processo de sistematização como o eixo, os objetivos, etc. e problematizar as ferramentas metodológicas que podem auxiliar no processo de construção da sistematização junto à experiência, além de, como resultado da oficina, exercitar essas questões a partir da experiência selecionada pelo NO para a sistematização 2015, já orientado seus próximos passos num processo de reflexão-ação-reflexão.

Resultados e Discussão



O primeiro elemento que se destaca na análise das oficinas foi de que muitos técnicos e muitas equipes não entendiam a sistematização como uma ferramenta de extensão ou como uma demanda criada pelo conjunto do Programa de ATES, mas sim como uma meta a ser executada para o contrato do INCRA. Essa questão destacou-se repetidamente durante a construção da linha do tempo da sistematização no Programa de ATES.

A partir do relato dos ATPs sobre os resultados alcançados com as oficinas, podemos verificar que com a apresentação e debate da linha do tempo da sistematização de experiências no Programa de ATES foi possível chegar, em grande parte das equipes, ao entendimento de que a sistematização de experiências não é uma meta imposta pelo INCRA, mas uma construção dos diferentes agentes, que ao longo dos três anos tem construído a sistematização como uma forma diferenciada de aprendizado com uma experiência vivida.

Em relação ao conceito de sistematização ficou nítido que uma parte dos técnicos entende a sistematização como uma reflexão, mas outros a compreendem como um relato, como uma descrição de uma situação. Um dos participantes, no início de uma das oficinas, colocou a sistematização como sendo *“uma forma de divulgar o trabalho realizado pela empresa, já que muita coisa que é feita por nós técnicos, não apreçe”*. Nesta fala fica claro o entendimento da sistematização como relato (figura 01), e que ela (a experiência) não é da família (ou grupo) que viveu, mas da equipe técnica.

Ao final da oficina, o mesmo participante afirma que *“não tinha pensado a sistematização como forma de facilitar o diálogo entre técnico e família, só como forma de divulgar um trabalho realizado”*. Essa reflexão ocorreu, de outras formas, nas demais oficinas e pode-se afirmar que foi produzida uma reflexão que diferenciou sistematização de experiências de relatos.

Em relação ao processo de construção da sistematização identificou-se muita falta de clareza em relação aos passos a serem seguidas (como orientação para o trabalho) e uma limitação metodológica para sua construção. Nesse sentido, os exercícios realizados para diferenciar o tema da sistematização, seu eixo e seus objetivos foram muito úteis, ficando entendido que, por exemplo, o eixo é o “fio condutor” que atravessa a experiência e se refere aos aspectos centrais dessa(s) experiência(s) que interessa sistematizar (Holiday, 2006).

Em relação as ferramentas metodológicas, muitos técnicos colocaram a falta de conhecimento de metodologias participativas como uma limitação para a construção do trabalho junto às experiências. Nas oficinas foram exercitadas algumas ferramentas metodológicas que poderiam ser utilizadas durante o processo de sistematização como o Diagrama de Venn, a FOFA e a Linha do Tempo, mas uma continuidade no processo de formação foi apontada como necessária.

Ao final das oficinas foi encaminhado um cronograma de trabalho para o processo de sistematização, assim como a definição das ferramentas metodológicas a serem



utilizadas no processo.

Conclusões

A partir do exposto avalia-se que as equipes incorriam em relatos, e não sistematizações, por diversos motivos, sendo os principais: por enxergarem a sistematização como meta de contrato e não uma ferramenta de trabalho da extensão rural; por entender conceitualmente a sistematização como um relato e não um processo de reflexão e aprendizado; e, por existirem limitações para trabalhar com metodologias participativas.

Avalia-se que as oficinas e o método utilizado para a capacitação das equipes possibilitou um nivelamento de conceitos sobre o que é sistematizar, ficando entendido que sistematizar equivale a entender o sentido e a lógica do complexo processo que é uma experiência e assim aprender com suas lições, procurando compreender porque esse processo está se desenvolvendo ou foi desenvolvido de determinada maneira, interpretando criticamente o realizado e o alcançado e não apenas relatando uma situação que se julga interessante.

A partir desse trabalho de construção de entendimentos espera-se melhores sistematizações em 2015 e, principalmente, que as equipes utilizem a sistematização de experiências como uma ferramenta cotidiana do seu trabalho.

Referências bibliográficas

- CHAVEZ – TAFUR, J. Aprender com a prática: uma metodologia para sistematização de experiências. Brasil: ASPTA, 2007.
- INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Manual Operacional de ATES**, 2008. Brasília, 142 p.
- JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**; tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p.

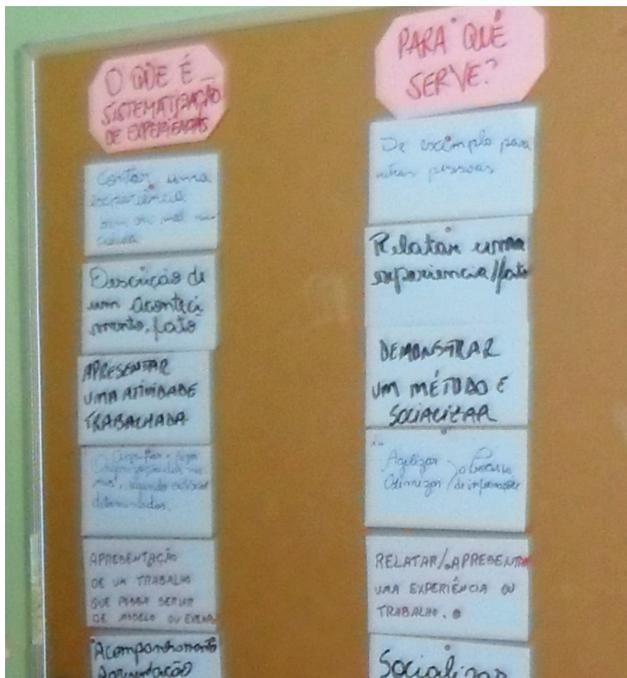


Figura 01: Painel de visualização móvel de uma das oficinas apontando o entendimento da sistematização como sendo “relatar uma experiência” ou “apresentação de um trabalho”.
Fonte: Fernanda Q. Miranda, Abril de 2015.